

BASE GOVERNISTA APÓIA MALAN

Lydia Medeiros

Da equipe do **Correio**

Depois do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi a vez dos dois principais partidos da base de apoio do governo assumirem a defesa do ministro da Fazenda, Pedro Malan, e bradarem contra a volta da inflação. Para tentar frear os boatos diários de queda do ministro e de um novo pacote econômico, PFL e PSDB fizeram romarias ao Ministério, separadamente, assegurando solidariedade à política de Malan — mas com alguns reparos.

Tucanos e pefelistas cobraram um esforço dobrado de comunicação do governo e combate eficaz aos especuladores. “Estamos pagando um imposto muito alto pela falta de informação. E, sem informação, o espaço é preenchido pela boataria”, disse ao ministro o deputado José Carlos Aleluia (PFL-BA). O PSDB mostrou disposição para sustentar a política de juros altos em nome da estabilidade. E anunciou sua prioridade: “O grande objetivo do governo é manter a inflação abaixo de dois dígitos este ano”, disse o líder do partido, Aécio Neves (MG).

Para salvar o Plano Real e afastar a inflação, a cúpula do PSDB disse ao ministro que pretende apoiar novos cortes de despesas. Malan retribuiu a confiança. Traçou aos tucanos um cenário favorável para o país no ano 2000: “Vamos emergir da crise como um país melhor que o anterior”. E previu crescimento da economia entre 3% e 4% naquele ano. “Se for necessário fazer mais cortes, apoiamos, desde que justificados e com consequências práticas para a sociedade. Não tememos

medidas impopulares se nos levarmos à estabilidade”, disse Aécio.

Malan explicou aos deputados que a atual oscilação da cotação do dólar é irreal. Segundo o ministro, uma acomodação em torno de R\$ 1,70 para US\$ 1,00 seria um sinal positivo e de tranquilidade para o mercado. Ontem o dólar fechou valendo R\$ 1,92. Ao liberar o câmbio, a expectativa inicial do governo era de um patamar entre R\$ 1,50 e R\$ 1,60. Parlamentares com acesso à Fazenda disseram ontem que a equipe econômica estuda uma forma de excluir dos cálculos oficiais o que chamaram de “transações marginais”: cotações consideradas fora de um espectro razoável de flutuação.

A grande preocupação dos políticos, eleitos sob o lema da moeda forte, é mesmo com o fantasma da inflação. O líder do PFL, Inocêncio Oliveira (PE), pediu punições aos aumentos por meio da Secretaria de Direito Econômico e do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE). “O governo precisa mostrar medidas efetivas e urgentes em relação aos especuladores crimi-

nosos”, pediu Inocêncio.

Já Aécio sugeriu ao presidente ontem que estimule a participação da sociedade na luta contra a inflação. “Hoje, as pessoas sabem o preço das coisas. O governo vai usar instrumentos legais, mas as pessoas devem evitar entrar no jogo da especulação”.

As críticas às falhas de comunicação do governo e à falta de informações sobram também para o presidente do Banco Central, Francisco Lopes. “Ele faz um esforço para se comunicar, mas parece ser melhor operador”, avaliou Aleluia.

Para garantir um lugar entre os que formulam os rumos da economia, o PFL vai reivindicar um posto entre os conselheiros do presidente. Inocêncio Oliveira levou ontem a Fernando Henrique o nome do economista Paulo Rabello de Castro como representante do partido. No início do primeiro mandato de Fernando Henrique, o PFL tentou “adotar” Malan. Ontem, os pefelistas estavam menos empenhados na causa: “Não é bom que o Ministério da Fazenda tenha um atrelamento partidário”, disse Aleluia.